

Os possessivos de um só possuidor masculinos na raia galego portuguesa e asturo-leonesa

XAVIER FRÍAS-CONDE

I.S.R. *Romania Minor*

Universidade da Boémia Ocidental, Rep. Checa

Sobre os possessivos *tou* e *sou*

As línguas românicas apresentam uma enorme variedade de formas para o paradigma dos possessivos. Isso é devido às distintas evoluções seguidas pelos diversos falares e também às distintas origens que os pronomes têm já desde o latim. Neste artigo propomo-nos analisar duas formas de possessivos que aparecem aqui e acolá na România, as de masculino singular de segunda e terceira pessoa de um só possuidor, *tou* e *sou*. Embora estes possessivos apareçam em zonas muito afastadas entre si da România, são bem frequentes na região fronteiriça entre galego-português e asturo-leonês, desde as Astúrias até à Terra de Miranda.

Regista-se (ou foi registado ainda no século XX) em amplas zonas da Península Ibérica, ultrapassando fronteiras linguísticas, nomeadamente no bloco raiano (Frías-Conde 1999), que se corresponde com a maioria do galego falado nas Astúrias, e no galego oriental do Bierzo, incluindo o vale dos Ancares, além do português trasmontano (Leite de Vasconcelos 1901) –onde só aparece esporadicamente a conviver com *teu* e *seu*–, para saltar a todo o asturo-leonês ocidental (Menéndez Pidal 1906), que inclui o mirandês.

Fora do âmbito românico, *tou* e *sou* são conhecidos nas variantes mais centrais do sardo apenas em singular, porque em plural já se usam as mesmas formas do resto do sardo: *tuos*, *suos*. Finalmente, também convém sinalar as formas do romeno *tău* e *său*, que derivam de *tou* e *sou* (Lausberg 1963: 361).

O asturiano central conhece *to* e *so* invariáveis respeito do género, que também derivam de *tou* e *sou* em masculino. Em espanhol medieval ambas as formas coexistem com as actuais *tu* e

su (Menéndez Pidal 1940: 257). Todavia, nos dois casos existe uma diferença fundamental entre o asturiano central e o galego-português junto com o resto do asturo-leonês. Todo o galego-português e o asturo-leonês ocidental fazem uma distinção de gênero nas formas de um só possuidor, as quais, aliás, são tónicas, enquanto o asturiano central e o espanhol não cumprem nenhuma das ditas condições.

É muito interessante fazer uma comparação dos diversos paradigmas que aparecem no âmbito ibérico quanto à segunda e terceira pessoas masculinas de um só possuidor:

galego-português geral	galego-português fronteiroço	asturo-leonês fronteiroço	asturiano central	espanhol
teu	tou		to	tu
seu	sou		so	su

Quanto ao galego-português, *teu* e *seu* são formas refeitas sobre *meu*, de maneira que todo o paradigma do masculino para um só possuidor fica homogêneo respeito à forma. Esta igualação aparece noutras áreas da România, como em francês: *mon, ton, son*; occitano: *mon, ton, son* e também *mieu, tieu, sieu*; catalão: *meu, teu, seu*.

Portanto, as formas *tou* e *sou* aparecem em áreas marginais, nem só na Península Ibérica¹, mas também noutras áreas da România, como são a ilha de Sardenha e a Roménia, segundo ficou já dito. Todas estas áreas, além do afastamento linguístico, estavam submetidas uma distância social geográfica dos centros de inovação linguísticos. No caso do galego-português, durante os primeiros momentos de fixação do idioma, houve muitas inovações que não alcançaram estas áreas –entre elas igualação dos possessivos que citámos. No caso do asturo-leonês, região que compreende o bloco ocidental tem sido também muito isolada ao longo da história. No caso asturiano, o dialecto central gozou e goza de um prestígio superior ao das variantes ocidentais, de tal maneira que esta variante evoluiu muito livremente ao respeito das variantes ocidentais que são muito mais conservadoras em todos

¹ Deve entender-se *marginal* num sentido geográfico, pois o galego-português fronteiroço e o asturo-leonês fronteiroço ficam nas margens dos seus respectivos domínios. É bem conhecido na Linguística Românica que demonstra que as inovações costumam vir de núcleos bastante centrais, onde geralmente se encontra a capital, para se difundir em forma de ondas. É precisamente por esta razão que esta teoria é conhecida com o nome de *teoria das ondas*.

os aspectos.

Portanto, ditas inovações alcançam os pontos mais afastados do núcleo de irradiação com muita dificuldade, e por vezes nem chegam. Na România, consideraram-se núcleos de inovação a Gália e a Itália, de tal maneira que a Ibéria foi uma zona marginal, igual do que a Roménia e a ilha da Sardenha. Dentro da Península Ibérica também surgiram zonas inovadoras, deixando outras como zonas marginais. Na área galego-portuguesa, nos inícios a zona inovadora foi Compostela, e depois, quando a Portugal começou a crescer e ter identidade própria, então apareceu uma nova área inovadora para o Sul, deixando, portanto, dois focos inovadores, um na Galiza e o outro em Portugal, mas em qualquer caso, as regiões mais orientais do galego e do português seguiram a ser zonas marginais. Coincidência mais grande é que as duas zonas marginais, galego-portuguesa e a asturo-leonesa, eram fronteiriças.

De tudo isto se pode tirar uma conclusão muito clara: as formas *tou* e *sou* são muito mais antigas do que *teu* *seu*. Mas é muito interessante fazer um percurso da evolução destes possessivos desde latim nos romances iberorromânicos, para qual nos serviremos do seguinte quadro:

1	TUUM, SUUM			
2	TŪU, SŪU			
3	<i>tou, sou</i>			
4	<i>teu, seu</i>	<i>tou, sou</i> <i>to, so</i>	<i>to, so</i> <i>tu, su</i>	
5	<i>teu, seu</i>	<i>tou, sou</i>	<i>to, so</i>	<i>tu, su</i>
	A	B	C	D

1	TUOS, SUOS			
2	TŪOS, SŪOS		TŪOS, SŪOS	
3	<i>tous, sous</i>		<i>tuos, suos</i>	
4	<i>teus, seus</i>	<i>tous, sous</i>	<i>tos, sos</i> <i>tus, sus</i>	
5	<i>teus, seus</i>	<i>tous, sous</i>	<i>tos, sos</i>	<i>tus, sus</i>
	A	B	C	D

Notas

As letras da última fila indicam os falares:

A: Galego-português geral

B: Galego-português e asturo-leonês fronteiriços

C: Asturiano central

D: Castelhana ou espanhol

Os números indicam:

1: Latim clássico

- 2: Latim vulgar ibérico
- 3: Prototorromânico
- 4: Romances primitivos
- 5: Romances actuais

O possessivo *meu* / *mieu* / *miou*

Contrariamente ao que tem acontecido com TUU e SUU, o possessivo de primeira pessoa masculino para um só possuidor MEU sofreu um processo de evolução totalmente diferente nos falares asturo-leoneses e galego-portugueses da raia. Aqui não há muitas coincidências.

O paradigma actual é assim:

galego-português	mirandês	asturiano ocidental	asturiano central	castelhano
<i>meu</i>	<i>miu</i>	<i>mieu</i> / <i>miou</i>	<i>mio</i>	<i>mi</i>

Mal as diferenças morfológicas, novamente o asturiano central e o castelhano apresentam uma forma átona, no entanto o resto dos falares apresenta uma forma tónica, como acontecia com os outros possessivos de um só possuidor.

Mas antes de entrar na questão histórica do fenómeno, é interessante dar uma vista de olhos para o resto das formas que aparece na Romania. Cá temos que o catalão, o sardo e o romeno apresentam uma forma idêntica da galego-portuguesa: *meu*². Em todos os casos, trata-se de formas muito arcaicas³.

Quanto à origem do possessivo de um só possuidor de primeira pessoa masculino, é sempre MEU, com vogal aberta. Paradoxalmente, o galego-português em bloco é o domínio mais conservador, pois uma grande parte do asturo-leonês faz evolucionar esta forma originária latina.

Segundo o apresentado na tabela anterior, a primeira evolução de MEU é *mieu*, comum a todo o asturo-leonês e ainda conservada nalgumas áreas das Astúrias ocidental e em todo o sanabrês. Tal forma também é a normal nalguns falares occitanos. Alguns falares ainda continuam para *miou*, onde se vê claramente que existe uma analogia com *tou* e *sou*. Sobre dita forma, o asturiano central

² Em romeno, porém, pronuncia-se /mjew/.

³ Aqui convém citar ainda uma pequena diferença dentro do galego-português. Enquanto *meu* tem vogal fechada em todo o domínio, devido à metáfora causada pela vogal final, em eonaviego (galego das Astúrias), a vogal é aberta, o qual é ainda mais conservador.

simplifica *miou* para *mio*, como é normal neste falar (onde /ow/ > /o/). Em mirandês, porém, *mieu* reduz para *miu* (paralelamente a como aconteceu com *Dieus* > *Dius*).

Neste jogo de analogias, é curioso como no lado galego-português MEU serviu como modelo a TOU e SOU para se tornarem em *teu* e *seu*, enquanto *tou* e *sou* serviram de modelo em asturiano a *mieu* para se tornar em *miou*.

O processo completo de evolução de MEU pode ser observado na seguinte tabela:

1	MEU				
2	mĕu				
3	mĕu				
4	<i>meu</i>	<i>mieu</i>			
5	<i>meu</i>	<i>miu</i>	<i>mieu</i>	<i>miou</i>	
6	<i>meu</i>	<i>miu</i>	<i>mieu</i>	<i>miou</i>	<i>mio</i>
	A	B	C	D	E

Notas

As letras da última fila indicam os falares

A: Galego-português

B: Mirandês

C: Sanabrês

D: Asturiano Ocidental

E: Asturiano Central

Os números indicam:

1: Latim clássico

2: Latim vulgar ibérico

3: Protorromânico

4: Romances primitivos

5: Romances actuais

6: Romances contemporâneos

Se a seguir comparamos o paradigma dos possessivos de um só possuidor masculinos, observaremos o contraste que já sinalámos acima. Deixámos fora o castelhano.

galego-português geral	galego-português fronteiriço	mirandês	asturo-leonês ocidental		asturiano central
<i>meu</i>	<i>meu</i>	<i>miu</i>	<i>mieu</i> ⁴	<i>miou</i>	<i>mio</i>
<i>teu</i>	<i>tou</i>	<i>tou</i>	<i>tou</i>		<i>to</i>

⁴ *Mieu* é forma da Sanábria como ficou dito; *miou* é das Astúrias ocidental, embora lá também se conhece *mieu*. Em geral, as duas formas convivem em todo o asturo-leonês ocidental.

<i>seu</i>	<i>sou</i>	<i>sou</i>	<i>sou</i>	<i>so</i>
------------	------------	------------	------------	-----------

A teoria das ondas antes exposta funciona para a segunda e terça pessoas, mas não para a primeira.

A modo de conclusão

As áreas marginais ou periféricas ficam em geral fora das correntes de inovação que vêm dos centros sociais, desde os quais as línguas irradiam as suas evoluções. No caso dos falares fronteiriços do galego-português e do asturo-leonês é assim em grande medida, como se pode ver pela conservação de formas de possessivos muito antigas, que apenas existem nestas áreas e também noutras também periféricas da România. Porém, esta tendência não é uma lei, pois pode ver-se também como as áreas marginais têm os seus próprios processos de inovação, mas que geralmente não saem do seu próprio âmbito. No caso dos possessivos, a criação dos paradigmas modernos no iberorromânico ocidental é possível mercê a uma tensão entre inovação e conservação, como temos visto nas páginas anteriores. Enquanto a segunda e a terceira pessoa, estas têm uma certa homogeneização e até um maior grau de arcaísmo nos falares raianos, a primeira pessoa dá resultados muito dispare e o conceito de arcaísmo não tem nada a ver com centros ou periferias. Todavia, os traços conservadores desta região são numerosos e não se pode esquecer que na fronteira linguística existem influências mútuas muito fortes. Convém lembrar como, para além dos possessivos, há alguns falares galegos e leoneses que possuem um sistema de artigos definidos iguais. O galego eonaviego tem *el*, *a*, *os*, *as*, igual que o leonês da Sanábria (que também aparece nos falares de Guadramil e Rionor, por vezes com variantes como *ou* por *el*).

BIBLIOGRAFIA

- Frías-Conde (1997): F. Xavier Frías Conde, "Sobre os bloques dialectais do galego: unha nova proposta", *Revista de Filología Románica*, nº 14, vol. I, pp-241-256.
- Frías-Conde (1999): F. Xavier Frías Conde, *O galego exterior ás fronteiras administrativas*, VTP, Editorial, Gijón.
- Frías-Conde (2001): F. Xavier Frías Conde, *Notes de lingüística asturllonesa (asturianu y mirandés)*, VTP Ediciones, Gijón.
- Krüger (1925): Fritz Krüger, "Mezcla de dialectos" in *Homenaje a Menéndez Pidal*, tomo 2, Madrid.

- Krüger (1914): Fritz Krüger, *Studien zur Lautgeschichte westspanischer Mundarten auf Grund von Untersuchungen an Ort und Stelle*, Hamburg.
- Krüger (1923): Fritz Krüger, "El dialecto de San Ciprián de Sanabria", Anejo IV de la *Revista de Filología Española*, Madrid.
- Lausberg (1981): Heinrich Lausberg, *Linguística Românica*, F. Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Leite de Vasconcelos (1901): José Leite de Vasconcelos, *Estudos de Philologia Mirandesa*, tomos I e II, Lisboa.
- Leite de Vasconcelos (1901): José Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris, 1901.
- Menéndez García (1963): Manuel Menéndez García, *El Cuarto de los Valles (Un habla del Occidente Asturiano)*, IDEA, Oviedo. Tomos I e II.
- Menéndez García (1950): Manuel Menéndez García, "Cruce de dialectos en el habla de Sísterna (Asturias)", *Boletín de Tradiciones Populares*, VI, pp. 355-402.
- Menéndez Pidal (1906): Ramón Menéndez Pidal, *El dialecto leonés*, Oviedo.
- Menéndez Pidal (1967): Ramón Menéndez Pidal, *Manual de Gramática Histórica Española*, Espasa Calpe, Madrid.